

**AS REPRESENTAÇÕES GEOGRÁFICAS DA AMAZÔNIA NA OBRA DE
DJALMA BATISTA: DA REGIÃO SUBDESENVOLVIDA E ISOLADA AO
DESENVOLVIMENTO E INTEGRAÇÃO NACIONAL**

*LES REPRÉSENTATIONS GÉOGRAPHIQUES DE L'AMAZONIE DANS
L'ŒUVRE DE DJALMA BATISTA: DE LA RÉGION SOUS-DÉVELOPPÉE ET
ISOLÉE VERS LE DÉVELOPPEMENT ET L'INTÉGRATION NATIONALE*

Waldemir Rodrigues Costa Júnior

Universidade Federal do Amazonas- UFAM
Programa de Pós-Graduação em Geografia- PPG-GEOG
junior.wrc@gmail.com

Susane Patrícia Melo de Lima

Universidade Federal do Amazonas- UFAM
Programa de Pós-Graduação em Geografia- PPG-GEOG
susipatricia@gmail.com

Gislane dos Santos Campos

Universidade Federal do Amazonas- UFAM
Programa de Pós-Graduação em Geografia- PPG-GEOG
giselanecampos@gmail.com

Resumo: Este artigo tem como principal objetivo analisar a imagem construída sobre a Amazônia na obra “O Complexo da Amazônia” de Djalma Batista. As páginas de *O Complexo da Amazônia* expõem uma retomada de imagens construídas sobre a região e ao mesmo tempo reconstruídas ou reforçadas por Djalma Batista. Em tal obra o autor traça um panorama de como se processou uma Amazônia subdesenvolvida e isolada como produto de continuidades e rupturas das tentativas de ocupação ou das políticas de desenvolvimento regional. Assim, esse subdesenvolvimento é, para ele, reflexo da má-condução dos instrumentos governamentais, da falta de infraestrutura das cidades, das más condições estruturais da educação, de uma economia extrativista que se constitui num “pré-capitalismo” e, sobretudo, da falta de vivência e má formação daqueles que desconhecem a Amazônia no plano da experiência vivida. Soma-se a esses fatores a má aplicação ou burocracia consumada ao nível das políticas desenvolvimentistas a partir dos instrumentos e organismos. A Amazônia retratada na obra supracitada seria o retrato do “atraso”, cuja saída estaria, na visão do autor, no binômio ciência e tecnologia, amalgamado com a formação da população e da vigência do modelo industrial, todavia, deveria conjugar-se a busca da preservação do complexo ecossistema amazônico.

Palavras-chave: representações geográficas; imagens; Amazônia

Résumé: Cet article est destiné à examiner l'image construite sur l'Amazonie dans le livre "Le Complexe de l'Amazonie" de l'écrivain Djalma Batista. Les pages de l'œuvre "Le Complexe de l'Amazonie" exposent une reprise des images construites sur la région et au même temps reconstruites ou renforcées par Djalma Batista. Dans ce travail, l'auteur présente un panorama de comment l'Amazonie sous-développée et isolée comme le produit de continuités et des ruptures des tentatives d'occupation ou de politiques de développement régional. Ainsi, ce sous-développement est, pour l'auteur, un reflet de la mauvaise conduite des systèmes de gouvernement, le manque d'infrastructures des villes, les mauvaises conditions structurelles de l'éducation, une économie extractive qui est un «pré-capitalisme» et, surtout, manque d'expérience et une mauvaise formation de ceux qui ne sont pas conscients de l'Amazonie en termes d'expérience vécue. Au dé-la de ces facteurs de la mauvaise application ou consommé bureaucratique au niveau des politiques de développement provenant des instruments et des organes. L'Amazonie aperçu dans l'œuvre ci-dessus l'image du "retard", dont la production serait, dans la perception de l'auteur, dans le binôme de la science et la technologie, a amalgamé avec la formation de la population et la durée du modèle industriel, cependant, devraient se conjuguer pour la recherche et préservation de l'écosystème complexe de l'Amazonie.

Mots-clés: représentations géographiques, images, Amazonie

1. Introdução – No contexto das *imagens* e das *representações*

As representações possuem uma lógica própria de constituição da/ou acerca da realidade de um objeto, elemento ou fenômeno da natureza, assumindo as mais variadas formas que lhes conferem inteligibilidade ou auto-explicação. Mesmo no período que se convencionou denominar de pré-história, pode-se considerar como formas de representação do mundo e, de tantos outros fenômenos, os desenhos que os homens faziam nas cavernas como registro dos percursos do cotidiano seja para caçar ou colher (NOGUEIRA, 2001), entre outras atividades fundamentais para a sua existência.

Como alude Paul Claval (2009), a sociedade cria práticas, *savoir-faire*¹ e diversos saberes (orientação e organização da vida social, por exemplo), enfim saberes geográficos, ao mesmo tempo em que se entrecruza por diversas representações, tanto do cosmos como do tempo, quanto da vida nos domínios

¹ Saber-fazer, conhecimento.

individuais e coletivos, contribuindo na configuração das relações com o ambiente, nas relações sociais, na formação de grupos sociais e contornos delineados à vida.

As representações, por vezes, implicam em espacialidades, na medida em que influenciam na maneira como as pessoas concebem o espaço (CLAVAL, 2009), ou seja, possibilitam-nas viverem, perceberem e conceberem os lugares. Na Geografia, as discussões sobre as espacialidades permeiam as reflexões em torno das representações, já que são criadas imagens sobre o espaço, os lugares, as regiões, o território e mesmo da paisagem.

A imagem, categoria particular das representações (DEBARBIEUX, 1998), faz ressurgir ou reforçar reflexões sobre as dualidades que cercam o campo da Geografia como, por exemplo, geral *versus* particular, sociedade *versus* natureza e nomotético *versus* idiográfico. Todavia, no processo de compreensão das espacialidades uma dada linha de pesquisa da Geografia tende a privilegiar uma ou outra dimensão da realidade que configuram a totalidade social. Em decorrência disso, as representações são interpretadas a partir de um ângulo da realidade em detrimento de outros, quando as representações correspondem ao quadro complexo de interpenetração entre as dimensões da realidade num dado contexto de espaço-tempo.

Neste artigo, não se parte da premissa de que é preciso entender as representações privilegiando-se uma ou outra dimensão da realidade, como preconizam as diferentes linhas de investigação geográficas, pois o que se torna relevante é tentar apreendê-las a partir de como elas estão elaboradas no livro apreciado, sujeito com o qual se estabelece um diálogo no presente estudo. Sendo assim, tem-se como principal objetivo compreender qual a imagem da Amazônia na obra “*O Complexo da Amazônia*” de Djalma Batista.

2. Geografia, representações e espacialidades: perspectivas e desafios – apontamentos para a interpretação da realidade dos lugares

Segundo Debarbieux (1998), a representação compreende o processo de produção de formas concretas e ideais com existência própria, mas que estão relacionadas a objetos e fenômenos da realidade. A imagem, por sua vez, é

uma categoria ou domínio das representações e se refere a fenômenos como espaço, paisagem e lugar com existência própria de produção e constituição. Embora as imagens adquiram um sentido de produtos quase exclusivamente visuais, em qualquer trabalho da cultura ocidental, elas também podem ser sonoras, degustativas ou da memória (GOMES, 2008).

As representações se constituem no epicentro de uma discussão complexa, estando longe de se esgotar, haja vista tal tema perpassar as abordagens teóricas de diferentes campos de pesquisa na Geografia. Esses debates tornam ainda mais problemáticas as clássicas dualidades na Geografia, como por exemplo, geral/particular e nomotético/idiográfico. As linhas de pesquisas buscam compreendê-las tornando-as a par de suas abordagens acadêmicas específicas, conforme as características elucidadas no quadro 01.

Quadro 01: As representações e as linhas de investigação na geografia

“Campos” de investigação	Abordagens sobre representações
Geografia da Percepção ou do Comportamento	Explicação dos comportamentos individuais e dos processos cognitivos dos indivíduos em relação ao entorno do lugar (“mapa mental”).
Geografia Política	Instrumentação dos imaginários a partir da intencionalidade política e social com base semiológico-marxista.
Geografia Cultural e Escola Francesa de Geografia	Dimensão concreta (1) e posterior incorporação da perspectiva subjetiva (laços simbólicos e afetivos) (2) das regiões culturais e espaços vividos.
Geografia Marxista ou Social	Compreensão de fenômenos de diferenciação e dominação social com base nas especificidades dos espaços das classes sociais.
Dinâmica do Imaginário	Dinâmicas antropológicas com base na filosofia (imaginação e política do espaço), psicanálise, estruturalismo e imaginário religioso.

Fonte: Debarbieux (1998). Org.: Costa Júnior (2010).

Verifica-se que, enquanto as abordagens da Geografia cultural estão pautadas na interpretação das representações a partir da dimensão simbólica e cultural, a Geografia política, por exemplo, parte de uma explicação em que as

imagens, enquanto instrumentais sociopolíticos de controle dos grupos sociais, produzem a realidade (DEBARBIEUX, 1998). Contudo, sob a perspectiva sociopolítica das representações, entende-se que as imagens acerca de determinado lugar variam em conformidade com os períodos de sua ocupação uma vez que, antes do grupo social dominante criar imagens para exercer poder sobre a área, outros grupos sociais já haviam desenvolvido diversas representações na relação com os seus lugares.

Cita-se como exemplo notório das transformações de uma região a partir das representações o processo de colonização exercido pelos europeus na África, onde as imagens acerca do espaço africano foram sendo configuradas face aos estágios de ocupação daquele continente. Assim, a África pretérita era representada por seus nativos a partir do respeito que se tinha pela natureza, compreendendo assim, a espacialidade mítica que foi sendo sucedida por outra, como resultado do processo de colonização em que outras representações foram utilizadas pelos colonizadores como forma de sobrevivência e controle do espaço africano (DABIRÉ, 1997). Na Amazônia, pode-se exemplificar o papel político das representações pelo processo de troca de topônimos, isto é, a substituição dos nomes de lugares que expressam características regionais por nomes de lugares portugueses no século XVII como forma de legitimação do controle do território amazônico pela coroa portuguesa (OLIVEIRA, 1988).

Mais recentemente, Daou (2001) em estudo intitulado *“Tipos e aspectos do Brasil: imagens e imagem do Brasil por meio da iconografia de Percy Lau”* destaca como ocorreram, sob o seu ponto de vista, os processos de construção do nacional brasileiro. Nesse contexto, o IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística exerceu o papel de organismo interventor para a efetivação da política do nacionalismo estatal articulada ao controle das pessoas e dos espaços, contando-se com técnicas, intelectuais e artistas engajados em promover símbolos e imagens permeadas de valores e interesses dominantes. A difusão do ideário nacionalista do Estado Novo se deu graças à apresentação de matizes naturais e humanos das regiões

brasileiras na série “*Tipos e Aspectos do Brasil*”, cujos quadros e figuras eram apresentados de acordo com as regiões naturais como critérios de divisão territorial/política do Brasil, permitindo compreender que as imagens do nacional brasileiro foram construídas, não significando destacar que as imagens de Percy Lau sejam pejorativas, haja vista que estas compreendem o imaginário social (DAOU, 2001).

As representações entendidas como produtoras do imaginário, mesmo a partir de uma perspectiva política, compõem apenas um dos lados de uma polêmica que gira em torno da discussão de tal tema. Isto é, argumenta-se que as representações não são cópias do mundo a não ser uma criação dele na medida em que as imaginações produzem a realidade. Por outro lado, destaca-se que as imagens são cópias do mundo real ou que as mesmas retratam o real com fidedignidade. Nesse sentido, visa-se atingir a verdade aproximando-se do real a partir das representações contidas em mapas, fotos, gravuras, etc. que buscam retratar o mundo pautando-se numa verdade absoluta (GOMES, 2008). Sob este ponto de vista, entende-se que qualquer esforço de relativização acerca da compreensão das representações é sucumbido, já que se acredita que o ideal é aproximar as representações do mundo real como se a “verdade” estivesse contida nelas, quando na realidade as representações se remontam a realidades distintas.

As duas acepções (a realidade e a sua figuração em imagens) são refutadas por Gomes (2008) que compreende as representações sob outra perspectiva teórico-metodológica. Segundo o autor, tal dualidade é perigosa tanto no sentido de se entender as representações, somente como reflexo da realidade, quanto na busca de se argumentar que o mundo real é construído sem referência ao mundo concreto. As representações como afirma o autor, criam seus próprios quadros de significação, a partir de elementos ou aspectos inerentes a cada momento no contexto dos lugares e daqueles que o vivem. Em outros termos, as representações adquirem significações ao longo de um contexto espacial e temporal e essa significação é guiada por princípios próprios, transitórios, ambíguos e polimorfos (GOMES, 2008).

O entendimento de que as representações variam de acordo com os contextos histórico-geográficos remete à pesquisa de Perrot e Magos (1995) que, ao analisarem como o alto platô do Aubrac (zona vulcânica localizada no Maciço

Central da França) estaria se tornando em um “*haut lieu*”, destacam que a produção simbólica do *haut lieu*² está relacionada ao fato de que critérios de representação da paisagem mudam conforme os períodos da história do lugar. Daí as autoras analisarem as imagens do alto platô que, desde o século XII, retratam desde a paisagem “repulsiva” à paisagem “grandiosa”. Assim, da imagem de isolamento a de estranhamento, Perrot e Magos (1995) destacam que esta última encerra a produção do Aubrac enquanto “*haut lieu*” turístico originado pelo processo de deslocalização quando da perda de identidades e histórias com a paisagem. Ao mesmo tempo configura-se uma paisagem sob estranhamento.

O caso do Aubrac reafirma o fato de que o universo de significação é carregado de ambigüidades, dinamicidade e características particulares. Assim, necessário se faz buscar o valor das imagens a partir dos significados contidos nelas e não cabe utilizá-las para se aproximar da realidade espelhada pelas representações (GOMES, 2008). Daí é possível reportar-se a Paulo Gomes que, com base em Barthes (1980), sustenta que as imagens e os discursos compreendem o campo da denotação (descrição direta) e o da conotação (significados oriundos da cultura), ao passo que a descrição densa (interpretação) proposta por Clifford Geertz (1973) permite compreender que as imagens se aproximam do nível conotativo de Barthes e da iconologia (compreensão do significado simbólico, atitudes e princípios culturais de uma época) proposto por Panofsky (1979) citado por Gomes (2008).

Sendo assim, necessário se faz entender o universo de significações que as representações expressam (GOMES, 2008), não interessando saber se as imagens possuem ou não fundo de “verdade”. Essa perspectiva se estabelece

² Um “alto lugar”.

como uma ruptura às questões postas pela geografia marxista, conforme o quadro 1 (acima), de que as representações sob a perspectiva da imaterialidade se constituiriam em marcas da alienação porque supostamente carregariam erros e oposições à verdade da ciência. Entender as representações sem se preocupar com a “veracidade” ou não das imagens, implica em perspectivas e posturas teórico-metodológicas na medida em que ao pesquisador é imposto o desafio de se despir de “filtros” que em muito refletem as suas percepções ou comportamentos, experiências e, em último estágio, a sua cultura. Em outras palavras, deve-se compreender o universo de significações das representações partindo-se, por exemplo, de um “ponto de vista” filosófico, como faz Meddeb (1997) quando analisa *o sentimento da natureza no islão*. Conforme esse autor, uma dada religião evidencia o risco de se cair num juízo de valor, senão na falta de apreensão da essência quanto aos significados que as representações assumem num quadro próprio do contexto histórico-geográfico em que se enquadra a sua lógica de constituição.

A mesma observação pode ser feita quanto às tentativas de apreensão das imagens de um dado lugar sob um ponto de vista da racionalidade, haja vista que nem sempre a razão permite abarcar uma dimensão imaterial que é expressa por uma imagem. Sendo assim, o racional ou uma “visão” concreta, dificilmente, ou nem sempre, é capaz de apontar o porquê e como a imagem é rica em significados simbólicos. Esse fato leva-nos ao entendimento de que o pesquisador deve se situar no contexto da configuração da imagem sobre os lugares, deixando de lado idéias pré-concebidas que em muito tendem a direcioná-lo para a “descrição” deturpada acerca da imagem, distorcendo o quadro de significados que a mesma de “fato” exprime. Contudo, há que se reconhecer que as imagens dificilmente serão apreendidas na totalidade do que elas exprimem ou buscam exprimir, já que ainda assim o pesquisador está fadado a lançar resquícios de sua cultura ou visão de mundo como parâmetros para tentar balizar os caminhos da apreensão da imagem em sua plenitude.

As representações, portanto, variam em função de contextos históricos e geográficos diferenciados, na medida em que as dimensões culturais, político-

econômicas e sociais influenciam, ou não, na relação entre as pessoas e os lugares. Nesse sentido, compreender como se configuram as representações sobre um dado lugar ou objeto corresponde a um desafio no sentido de que é necessário “analisá-las” sem que idéias pré-concebidas, que em muito refletem a provisão de uma cultura, religião ou mesmo da ciência, interfiram na investigação. Cabe então tentar apreender as representações da Amazônia na obra intitulada “O Complexo da Amazônia” do autor Djalma Batista.

3. A interpretação geográfica de Djalma Batista – entre a região subdesenvolvida e isolada e a busca de seu desenvolvimento e integração ao Brasil

Se por um lado é fundamental compreender o universo de significações que as representações expressam como salienta Gomes (2008), na obra *O Complexo da Amazônia*, por outro, não cabe apontar como Djalma Batista interpreta a região tentando aproximar as suas descrições à realidade da região. O “falso” e o “verdadeiro” devem ser apreendidos pelo que Djalma Batista assim os concebe e pelo que a Amazônia para ele representa. Nesse sentido, é crucial compreender a Amazônia sob a perspectiva das imagens que, expostas na obra, produzem ou não a realidade sobre a região e são (re) construídas ao longo de contextos históricos, sobre os quais, se enquadra “O Complexo da Amazônia”.

Busca-se compreender as representações na obra em tela procedendo-se a sua descrição densa no sentido proposto por Clifford Geertz (*apud* por GOMES, 2008), isto é, uma interpretação acerca dos significados que, característicos dos contextos históricos evidenciados são expressos sobre a região para o autor.

As experiências vividas e percebidas por outros sujeitos na região, as vivências de Djalma Batista no grupo social do qual fez parte e, as suas leituras sobre a Amazônia (experiências indiretas) levaram-no à retomada de imagens construídas sobre a região e, por conseguinte, estas imagens (re) construíram outras realidades acerca da Amazônia. Ou seja, ao longo d’ *O Complexo da*

Amazônia percebe-se que Djalma Batista reforça imagens construídas que assimilara nas leituras que fizera sobre as espaço-temporalidades pretéritas da região, ao passo que as experiências vividas por outros sujeitos que estiveram na Amazônia e participaram da implementação de políticas desenvolvimentistas levaram-no a construir outras imagens, porém em menor abrangência, que dizem respeito às especificidades da Amazônia. Perdura, por outro lado, a construção da imagem da Amazônia como região subdesenvolvida, sobretudo, por motivos socioculturais e geográficos (isolamento do restante do país), o que o leva a pensar ou reforçar o modelo industrial (embora reconheça os seus pontos “negativos”) em substituição à economia extrativista (para ele outro fator de subdesenvolvimento) ao lado da capacitação de recursos humanos locais (aqueles que de fato vivem a Amazônia) nos liames da ciência e tecnologia conjugada com a preservação da floresta.

Os conhecimentos acumulados sobre a Amazônia sejam os pautados na racionalidade do pensamento dos homens de ciência, sejam os saberes oriundos de experiências vividas, são descrições recorrentes na obra a partir das quais Djalma Batista discorre sobre a Amazônia internacional (Pan-Amazônia) que é caracterizada, entre outros aspectos, pela fisiografia, que se interpenetra ultrapassando os limites territoriais do Brasil e outros países sul-americanos. Trata-se de uma Amazônia complexa em termos socioculturais que expressa os processos de (des) ocupação, ou “vazio demográfico”, desta região, debate retomado pelo autor. É a Amazônia, segundo sua análise, com pouca gente, com diversidade (étnica, cultural e, sobretudo, lingüística) e com pouca divergência econômica, sendo cada Amazônia própria. São as Amazônias que se contrastam, haja vista serem, segundo ele, oriundas do nível social e das condições históricas porque passaram.

As páginas d’*O Complexo da Amazônia* expõem constantemente uma retomada de imagens construídas sobre a região e ao mesmo tempo reconstruídas ou reforçadas por Djalma Batista que, nas primeiras laudas da obra, retoma, a partir do conhecimento adquirido, descrições acerca do

processo de colonização da região. Djalma Batista se refere às populações locais tendo como “verdade” as designações de bárbaros (ou ainda outros termos com sentidos análogos como bugres, silvícolas e gentios), termos atribuídos aos povos da região no período anterior à colonização: “Um fato é historicamente certo: a Amazônia, ao tempo da descoberta, abrigava muitos ‘bárbaros’, e eles eram tantos que resistiram a mais de quatro séculos de confronto com o branco, representado fundamentalmente pelo português e seus descendentes” (BATISTA, 2007, p.53).

A partir das leituras sobre o que é denominado na obra como “choque de culturas”, Djalma Batista tenta destacar o que significou tanto para o índio quanto para o branco, o contato entre ambos. Segundo o autor essa relação corroborou com a perda de traços culturais para o “índio” e transformação de suas formas de trabalho e hábitos alimentares à medida que houve a imposição de hábitos e costumes europeus. Tratou-se também, como se verifica na obra, do começo do desequilíbrio ecológico. A chegada do europeu implicou para Djalma Batista na chegada da “civilização”, graças aos trabalhos das missões religiosas em “pacificar”, “amparar” e “cristianizar” os “índios” daí o item que o autor intitula como “tentativas de humanização” das populações locais.

Essas missões religiosas, na visão de Djalma Batista, buscaram não apenas “civilizar” as populações locais, como também utilizá-las como mão-de-obra no processo de coleta e distribuição dos produtos naturais como as “drogas do sertão” que eram extraídas, sabiamente, pelo denominado silvícola, termo observado no seguinte trecho, quando Djalma Batista se refere aos resultados do contato:

Dois fatos singulares, porém, merecem ser destacados: primeiro - o espírito do índio permanece e sobrevive, nas suas grandes dimensões culturais, o que constitui, a meu juízo, a lição maior da luta racial secular; segundo - evidente regressão social e cultural dos silvícolas, após o contato com o branco (BATISTA, 2007, p.56).

Embora, para ele, o contato tenha causado regressão social e cultural das populações locais, ele acredita que “a presença (do homem branco), na Amazônia como em toda a América, representou uma contribuição destacada [...] no seu encontro cultural com a bugrada” (BATISTA, 2007, p.58). Cabe destacar que o termo raça é recorrente na obra *O Complexo da Amazônia* quando Djalma Batista utiliza o termo “luta racial” derivada do contato índio-europeu. Segundo ele, o resultado do entrecruzamento ou da fricção interétnica entre as duas “raças” deu origem ao caboclo que, segundo a visão do autor, herdou traços “indígenas” como a preguiça, a indisposição para o trabalho, a falta de preocupação com o futuro e descumprimento com os compromissos financeiros:

Restaram na Amazônia, ainda, apreciáveis mostras de herança ameríndia no comportamento do povo. Uma delas, das mais típicas, é uma dose visível de preguiça reinante entre os habitantes do vale, uma indisposição para o trabalho sistemático, um conformismo com o resultado dos modestos esforços realizados e uma permanente despreocupação com o dia de amanhã... Outras heranças são: falta de respeito pela propriedade, que acredito vir do índio (...): tomam-se emprestadas, com a maior sem-cerimônia, objetos de uso pessoal, alimentos e até dinheiro, sem nenhuma preocupação de reposição. O caboclo compra tudo que o comerciante lhe queira vender, com a condição de ser fiado. (BATISTA, 2007, p.63).

Djalma Batista observa a Amazônia múltipla, evidenciando o que ele denomina de Amazônia urbana (1) das metrópoles regionais (Manaus e Belém) que concentram bens e serviços urbanos; a Amazônia das cidades do interior (2) cujos rótulos a elas são atribuídos (pequenas e médias) sem serem na realidade; e a Amazônia do campo (3) caracterizada pelo primitivismo, pela prática da agricultura de subsistência e colheita de bens naturais. São três dimensões da Amazônia, mas que se mesclam em decorrência da dependência ao extrativismo vegetal e animal e em virtude das conexões entre as metrópoles e as cidades do interior/campo pelos fluxos de pessoas que, ao

saírem das cidades da segunda Amazônia, são marginalizadas socialmente em Belém e em Manaus.

Uma Amazônia onde “sempre a pobreza campeou” ou ainda trata-se da região em que a “pobreza generalizada [...] tem raízes na ausência, pouca oportunidade ou má orientação da educação, e conseqüente subdesenvolvimento psico-social ou sócio-cultural”, em virtude de problemas estruturais como professores leigos, resultando em (semi) analfabetismo de uma população que “não pode manter correspondência e tampouco ler jornais, revistas e livros”, e que “por isso não é surpresa que a inteligência não tenha se desenvolvido satisfatoriamente” face ainda a uma economia arcaica (extrativismo), cujas mercadorias comercializadas pelo *regatão*, um “representante do pré-capitalismo”, seriam pagas com produtos da floresta. Assim, a base do subdesenvolvimento da região, segundo o autor, não é apenas sociocultural, mas também econômica.

A imagem da Amazônia como região atrasada em termos socioculturais e econômicos, conforme se torna perceptível na referida obra, tem sido disseminada pelo restante do Brasil, tornando a região alvo de políticas desenvolvimentistas nas décadas de 1960-70, daí despontando o lema “integrar para não entregar” do governo militar vigente. A busca da integração da região amazônica ao restante do Brasil é resultado da imagem criada coletivamente sobre esta no sul e sudeste do país. Essa visão influenciou preponderantemente o pensamento de Djalma Batista sobre a Amazônia:

O enquadramento da Amazônia na vida econômica e política do Brasil se transformou, de acordo com o pensamento de Speridião Faissol numa verdadeira esfinge: ou a deciframos ou ela nos devora. E é inegável que o País reagiu favoravelmente ao desafio amazônico, culminando na Operação Amazônia (governo Castelo Branco), continuada no Programa de Integração Nacional (governo Garrastazu Médici) e no Programa dos Pólos de Desenvolvimento (governo Ernesto Geisel).

Não tenho dúvida de que já existe uma nova mentalidade nacional em relação à Amazônia, permitindo que o Brasil realize a tão esperada “política amazônica”, e com a qual se completará a unidade brasileira. (BATISTA, 2007, p.125).

Essa tentativa de desenvolver a Amazônia já se sucedia com as iniciativas do Banco da Borracha que, criado em julho de 1942, compreendeu para Djalma Batista um instrumento ativo para mobilização das riquezas da terra e do trabalho do homem, embora “a Amazônia através do Banco criado especificamente para defender a borracha, favorecia e financiava o processo de transformação do produto-rei nas áreas do Brasil” (BATISTA, 2007, p.267), já que favoreceu o desenvolvimento de estados como Ceará, Brasília e Piauí. Daí o autor questionar se o Banco da Borracha, posteriormente denominado de BASA - Banco da Amazônia se constituía numa entidade comercial ou num instrumento de desenvolvimento da região. Ainda assim o “erro”, segundo o autor, não estava neste instrumento, mas sim na economia “arcaica” da região. “Não é portanto, o BASA que não presta: é o sistema em que está engajado que não tem condições de sobrevivência” (BATISTA, 2007, p.271).

O “erro” no que tange à má condução das entidades públicas governamentais traz à tona, mais uma vez, o subdesenvolvimento cultural da região, tema recorrente em Djalma Batista ao longo de sua obra, já que a precariedade do sistema educacional da Amazônia, como retomado anteriormente pelo entendimento do autor, leva ao despreparo de pessoas para conduzirem as instituições públicas na região. “prefeitos, vereadores e servidores municipais (com necessárias exceções) não se encontram à altura dos encargos exclusivamente pelo seu despreparo”.

Todavia, o subdesenvolvimento da região, como se percebe na obra, reflete também questões sociais em especial no que tange à alimentação local e, sobretudo, no que diz respeito aos aspectos econômicos. Em termos sociais, os reflexos do subdesenvolvimento alimentar, segundo o autor é latente entre as crianças e são intrínsecos aos fatores econômicos.

As crianças não têm leite, exatamente por que o gado é muito pouco, mal distribuído e destinado ao corte e o leite industrializado inacessível por motivos econômicos: passam diretamente do seio materno para a dieta de adulto, sobrevivendo às diarreias e distúrbios nutritivos graças apenas a seleção natural. No interior, vi crianças de 6 meses sendo

alimentada com peixe cozido e pirão de farinha. (BATISTA, 2007).

Assim, o subdesenvolvimento da região soa para o autor como sendo também econômico. Daí Djalma Batista reforçar a idéia de implantação de um novo modelo de desenvolvimento (a industrialização) em substituição ao extrativismo. A solução seria, segundo o autor, não só a reformulação de toda a base da economia regional, como também a capacitação da população local que se encontrava em estágio de subdesenvolvimento cultural, sem que ainda modelos externos avessos à realidade local fossem implementados. Este subdesenvolvimento, sob o ponto de vista de Djalma Batista, é legitimado pela questão geográfica do isolamento que é refletido pela não integração da Amazônia ao restante do país seja pelo não escoamento da produção local seja ainda pela impossibilidade, a não ser por via fluvial, de acesso à região através de estradas.

A Amazônia como região subdesenvolvida decorre não somente da má ou da não aplicação de recursos financeiros de órgãos governamentais dentre outros, a SUDAM, mas também de uma colonização mal conduzida pelo INCRA, outro órgão desenvolvimentista criado para a região, cujos projetos de colonização, além de terem rendido pouco ou quase nada de desenvolvimento da produção, culminaram com a construção de inúmeras estradas. Essas vias eram tidas como necessárias em virtude de diversas desvantagens do sistema de transporte fluvial da região, o qual, porém, jamais seria substituído pelas rodovias, daí havendo a necessidade de efetivar um equilíbrio entre rios e estradas.

A colonização da região se fez concomitante às novas atividades econômicas implantadas, como a pecuária, que juntamente com a implantação das estradas reforçaram os problemas ambientais oriundos com a devastação da fauna e flora. Nesse sentido, as questões relacionadas ao desequilíbrio ecológico da região são denotadas quando se observa com acuidade a visão de Djalma Batista. Percebe-se sua preocupação em chamar a atenção para a busca do equilíbrio ecológico da região como subjacente à idéia de

modernização da Amazônia, que é relacionada à busca do desenvolvimento regional a partir da indústria em substituição à economia pré-capitalista (o extrativismo), já que se preconiza n' *O Complexo da Amazônia* a necessidade de um equilíbrio ecológico a partir da manutenção da floresta paralela à industrialização.

Trata-se da Amazônia, inserida no contexto dos anos 1970, quando o projeto de integração da região ao restante do país ocorreu mediante a efetivação dos sistemas de comunicações, do transporte aéreo e da tecnologia dos satélites que permitiram, na visão de Djalma Batista, um *escancaramento* da região, porém tendo beneficiado apenas uma minoria da sociedade: a classe dominante. A busca pela integração da região ao restante do país está relacionada também, como é perceptível na obra, ao tão almejado desenvolvimento regional, já que o subdesenvolvimento, como exposto na obra, assume caráter geográfico em virtude do isolamento da região em relação ao Brasil.

Assim, a modernização da Amazônia, conforme a visão de Djalma Batista, consistiu à implementação dos transportes, em diferentes modalidades, e da tecnologia da comunicação visando-se a retirada da região do subdesenvolvimento e chamado isolamento geográfico. Os avanços tecnológicos permitiriam conhecer áreas mineralógicas ricas, completando-se ainda com a era da industrialização que teve Manaus como cidade pivô deste processo. A Zona Franca de Manaus trouxe profundas transformações tanto econômicas (implantação de inúmeras empresas industriais, atração de mão-de-obra, desenvolvimento das telecomunicações, aumento da receita de Manaus, etc.) como sociais em virtude do aumento da pobreza. Em último estágio, trata-se da Manaus que, em decorrência dos problemas sociais oriundos da experiência industrial, o autor temeria em ser transformada em uma nova Hong Kong.

Se por um lado, a Amazônia nas primeiras páginas da obra é (re) interpretada por Djalma Batista como um vazio demográfico, imagem esta muito difundida por diversos intelectuais que influenciaram a sua visão, por

outro lado, torna-se perceptível sua preocupação quanto ao esvaziamento do interior da região pelo processo de industrialização que, concentrado em Manaus, atraiu muitas pessoas do campo para a cidade, remetendo-se também à interpenetração entre o que o autor chama de Amazônia Urbana e Amazônia do Campo.

Apesar do lado “negativo” da industrialização, o autor considera positiva a experiência, ao passo que o tão almejado desenvolvimento seria alcançado não somente pela integração da Amazônia ao restante do Brasil, mas também pela formação da população local em termos educacionais, científicos e tecnológicos, pilares estes que devem se consolidar com o apoio dos diversos órgãos ambientais e de pesquisa instalados na região. O conhecimento e suas respectivas instituições devem, sob o ponto de vista na obra, ser atrelados à preservação ambiental, sendo este último aspecto, conjugado com a industrialização conforme o capitalismo.

As representações que Djalma Batista expõe n’ *O Complexo da Amazônia* são de que a Amazônia é uma região subdesenvolvida e isolada, mas que esse subdesenvolvimento é socialmente construído em virtude das continuidades e descontinuidades em termos culturais, políticos e econômicos dos sucessivos estágios de ocupação ou da tentativa de desenvolvimento regional. Esse subdesenvolvimento é, para o autor, reflexo da má-condução dos instrumentos governamentais, da falta de infraestrutura das cidades, das más condições estruturais da educação, de uma economia extrativista que se constitui num “pré-capitalismo” e, sobretudo, da falta de vivência e má formação daqueles que desconhecem a Amazônia no plano da experiência vivida, o que conduz, por conseguinte, a má aplicação das políticas desenvolvimentistas ou da burocracia que se consuma a partir dos instrumentos e organismos de desenvolvimento corroborando para a manutenção da região no “atraso”. A saída acredita Djalma estaria na formação da população por meio da ciência e na vigência do modelo industrial com base na tecnologia conjugada com a busca da preservação do complexo ecossistema amazônico. As imagens que (re) constroem a realidade e/ou advêm das experiências sensíveis daqueles

que viveram a região são características, sobretudo, do contexto histórico das décadas de 1960-70 e se fazem presentes, conforme *O Complexo da Amazônia*, no período entre o que Djalma Batista compreende a região como subdesenvolvida e desintegrada do Brasil, e uma região que precisa ser desenvolvida a partir da indústria (com capital humano local capacitado) e de sua integração ao Brasil o que “completará a unidade brasileira” (BATISTA, 2007, p.125).

4. Ponderações: possíveis interpretações que ficam para quem lê *O Complexo da Amazônia*

A Amazônia, sob o ponto de vista da representação que dela faz Djalma Batista, corresponde a uma região atrasada em virtude de entraves endógenos e exógenos, quando da relação da Amazônia com outros lugares a partir de forças político-econômicas. Embora tenham-se implementado inúmeras iniciativas governamentais mediante a criação de organismos e políticas desenvolvimentistas para a região, esta se constitui em refém da burocracia, má condução dos instrumentos políticos, da inaplicabilidade de recursos financeiros e corrupção que se somam a uma região com economia extrativista tida como uma etapa pré-capitalista e um atraso econômico, carente de infraestrutura e recursos humanos capacitados para conduzi-la.

Os termos usados pelo autor para se referir às populações locais, como bugres, silvícolas e gentios, são palavras oriundas do pensamento filosófico em torno da Amazônia datado do século XVI e XVII e que designavam as populações locais como selvagens, refletindo um pensamento que julgava a cultura européia como superior às demais, como relembra Renan Pinto (2006). Essa maneira de representar as populações locais como selvagens se enraizou num pensamento social e numa maneira pejorativa de se referir à região numa retórica difundida por diversos campos da filosofia e das ciências sociais sobre a Amazônia num dado contexto histórico.

As releituras que Djalma Batista faz dos estágios de ocupação da Amazônia, que em muito refletem o processo de (re) construção ou (re)

produção das espacialidades em múltiplas dimensões da realidade, deu-se graças aos conhecimentos de que dispôs a antropologia, a história, a sociologia, a ciência botânica, e mesmo a geografia. A partir da história o autor retoma os acontecimentos históricos de como se configurou o contato entre o índio e o europeu para depois recorrer à idéia herdada da antropologia de fricção inter-étnica. A própria concepção de vazio demográfico, que depois é apontada por Djalma Batista como um dos entraves ao desenvolvimento juntamente com o isolamento geográfico regional, advém da geografia, num momento em que esta ciência acreditou, por influências do determinismo geográfico, ser o vazio demográfico algo construído naturalmente, quando na realidade foi socialmente construído em virtude da dizimação das populações locais levada a cabo pelo europeu. A botânica permitiu a Djalma Batista pensar o potencial natural da região a partir de classificações racionalistas acerca dos diversos ambientes amazônicos, o que contribuiu de certa maneira para legitimar a sua preocupação acerca da preservação ambiental da Amazônia.

Da biodiversidade da flora amazônica, muitos produtos naturais ingressaram no ciclo do capital, trazendo relativa riqueza para a região como foi o caso, sobretudo, da borracha. Essa economia extrativista é na visão de Djalma Batista, sobretudo, um dos entraves do desenvolvimento regional, ao lado de fatores culturais. O subdesenvolvimento de que fala Djalma Batista, se constituiu noutra terminologia muito em voga para se referir à Amazônia no período das políticas desenvolvimentistas, mas que, segundo o autor, não era somente econômico, mas principalmente cultural, cujos resultados são visíveis, conforme a obra analisada, ao nível, por exemplo, da alimentação da população.

O autor possui uma visão higienista sobre a região que muito reflete a sua formação e condição social e intelectual quando de sua imersão num grupo de pensadores seletos que compunha a cúpula política e econômica do Amazonas nas décadas de 1960 e 1970, ou seja, é a região “revelada” no contexto de sua inserção numa conjuntura econômica e política do Brasil para a legitimação do modelo industrial como caminho para se atingir o desenvolvimento. Os

resultados das tentativas de desenvolvimento da região, ao lado das conseqüências das estratégias pretéritas de colonização, erigiram problemas ambientais e em decorrência disso Djalma Batista reforça a busca pela preservação ecológica do complexo bioma da região, cujos instrumentos de desenvolvimento são, segundo o autor, a ciência e tecnologia.

5. Referências Bibliográficas

BATISTA, Djalma. **O Complexo da Amazônia**: análise do processo de desenvolvimento. 2ed. Manaus: Ed. Valer, Edua e Inpa, 2007.408p.

BRETON, Stanilas. Cristianismo e o conceito de natureza. In: BOURG, Dominique (Org.). **Os sentimentos da Natureza**. Lisboa: Ed. Instituto Piaget, 1997.

CLAVAL, Paul. Espacialidades e representações de mundo: a geografia como ciência e como representação do mundo. Entrevista concedida a Guilherme Ribeiro. **Geografias**, Belo Horizonte, 05(2) 6-21, julho-dezembro de 2009. p. 06-20.

DAOU, Ana Maria. Tipos e aspectos do Brasil: imagens e imagem do Brasil por meio da iconografia de Percy Lau. In: ROSENDAHL, Zeny; CORREA, Roberto Lobato. **Paisagem, imaginário e espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

DABIRÉ, Constantin Gbâané. África: o “mito” da vida em simbiose. In: BOURG, Dominique (Org.). **Os sentimentos da Natureza**. Lisboa: Ed. Instituto Piaget, 1997.

DEBARBIEUX, Bernard. As problemáticas da imagem e da representação em Geografia. In: BAILLY, Antoine (Org.). **Les concepts de la Géographie humaine**. 4ªed.. Paris: Armand Colin, 1998. Tradução de Ricardo José Batista Nogueira.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

GOMES, Paulo César da Costa. Cenários para a Geografia: sobre a espacialidade das imagens e suas representações. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato. **Espaço e Cultura**: pluralidade temática. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008. p.187-209.

MEDDEB, Abdelwahab. O sentimento da natureza no Islão. In: BOURG, Dominique (Org.). **Os sentimentos da Natureza**. Lisboa: Ed. Instituto Piaget, 1997.

NOGUEIRA, Amélia R. B. **Percepção e Representação Gráfica: a “Geograficidade” nos Mapas Mentais dos Comandantes de Embarcações no Amazonas.** 2001. 218p. Tese (Doutorado em Geografia Física)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

OLIVEIRA, Adélia Engrácia de. Amazônia: modificações sociais e culturais decorrentes do processo de ocupação humana (século XVII ao XX). **Boletim do MPEM.** Belém, 4 (1): 65- 115, 1988.

PERROT, Martyne; MAGOS, Isabelle. L'AUBRAC- do Haut Lieu ao Não-Lugar Turístico? In: Cahier d'Ethnologie de La France. Cahier 9, **Paysage au Pluriel**, 1995, p.35-48. Tradução de Regina Sader e Simone R.B. Ferreira.

PINTO, Ernesto R.F. **A Viagem das Idéias.** Manaus: Valer, 2006.

PONS, Xavier. Austrália: entre o terror e a beleza. In: BOURG, Dominique (Org.). **Os sentimentos da Natureza.** Lisboa: Ed. Instituto Piaget, 1997.